

uque genialis tori, Lucina, custos quaeque domitoram freta  
a frenare docuisti ratem, et tu, profundi saeue dominator  
nque Titan diuidens orbi diem, tacitisque praebens conscientiam  
Hecate triformis, quosque iurauit mihi deos Iason, quosque  
fas est precari: noctis aeternae chaos, auersa superis regna  
manesque impios dominumque regni tristis et dominam fide meliore  
raptam, uoce non fausta sepor. Nunc, adeste, sceleris ultrices deae  
crinem solutis squalidae serpentesque atram crientis manibus amplexae  
facem, adeste thalamis horridae quondam meis quales stetistis: coniugium  
etum nouae letumque socero et regiae stirpi date, mihi peius aliud, quod  
precer sponso, malum: uiuat, per urbes erret ignotas egens exul, pauens,  
nusus, incerti laris; me coniugem optet, limen alienum expetat iam notus

**PLAUTO**

# COMÉDIAS

II

BIBLIOTECA DE AUTORES  
**CLÁSSICOS**

## NOTA PRÉVIA

Este segundo volume da tradução integral das comédias de Plauto recupera cinco traduções já anteriormente publicadas: *A Comédia da Cestinha* (na FESTEA Tema Clássico), *Cásina e Epídico* (nas Edições 70) e *Gorgulho e Os Dois Menecmos* (no INIC).

As versões aqui apresentadas assentam nos textos estabelecidos por A. Ernout na coleção «Les Belles Lettres».

CÁSINA

Introdução, tradução do latim e notas  
de AIRES PEREIRA DO COUTO  
(Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa)

# INTRODUÇÃO

*O enredo desta comédia gira em torno da rivalidade entre o velho Lisidamo e o seu filho Eutinico, apaixonados, ambos, por uma jovem criada, Cásina, que Cleóstrata, a mulher de Lisidamo, recolhera na rua e educara no seio da sua família. Ambos a queriam ter como amante e, para tal, cada um deles arranjou um estratagema para conseguir os seus intentos: o pai propôs que ela se casasse com o seu feitor Olimpião; o filho pretendia dar Cásina em casamento ao seu escudeiro Calino. Um e outro desejavam, com este casamento de conveniência, gozar discretamente dos favores da jovem. Mas o pai, ao aperceber-se das intenções do filho, resolveu desembaraçar-se do rival, enviando-o para o estrangeiro.*

*É precisamente neste ponto que tem início a peça. Oficialmente, a rivalidade existente era entre os escravos Olimpião e Calino, mas Cleóstrata, descobrindo as intenções do marido, resolveu defender os interesses do filho e apoiar o casamento de Cásina com Calino. Como Lisidamo e Cleóstrata não conseguissem chegar a acordo sobre quem deveria ser o futuro marido de Cásina, decidiram, para resolver de vez a questão, que a jovem fosse sorteada entre os dois escravos. Assim aconteceu e a sorte sorriu a Olimpião, o candidato de Lisidamo.*

*Cléóstrata ficou encarregada de preparar a boda, mas Lisidamo tratou logo do pós-boda: Olimpião iria para a quinta com a sua noiva, mas antes disso Cásina seria conduzida a casa do vizinho Alcéssimo, que tratou de fazer que esta estivesse deserta, para que Lisidamo aí pudesse gozar, desde logo, dos favores de Cásina. Mas as coisas não correram como o velho esperava. É que Calino, ao descobrir a*

*tramóia, foi contar tudo a Cleóstrata, que, com a ajuda da vizinha Mírrina e da criada Pardalisca, urdiu um plano para estragar a festa ao velho: disfarçou Calino de noiva e fê-lo passar por Cásina. Este não se fez rogado e encarnou uma Cásina bruta e violenta. A situação revelou-se extremamente embaracosa para Olimpião e Lisidamo, que saíram de casa de Alcésimo enganados e ridicularizados. Cleóstrata lá acabou por perdoar ao marido e ficámos a saber que Cásina era, afinal, filha dos vizinhos e, por isso, uma cidadã livre. Deste modo poderá casar com Eutinico, o filho de Lisidamo.*

*Plauto adaptou esta comédia — como ele próprio refere nos vv. 31-32 do prólogo — a partir de um modelo de Dífilo, intitulado Clerumeno (Os que Tiram à Sorte), em latim Sortientes, devido ao sorteio que os dois pretendentes à mão de Cásina — Olimpião e Calino — fazem<sup>1</sup>. Ainda que a comédia grega não tenha chegado aos nossos dias, parece não haver dúvidas de que Plauto adaptou com liberdade o seu original, apresentando apenas o que lhe convinha para uma farsa. Terá suprimido a cena final do reconhecimento e excluído o*

---

<sup>1</sup> Alguns autores como F. Arnaldi e E. Paratore defendem que o título original da comédia de Plauto sempre foi *Casina*, enquanto outros, como F. Leo, F. Della Corte e W. T. MacCary-M. M. Willcock, consideram que *Sortientes* era o título primitivo e que *Casina* foi o título dado aquando da reposição da peça. Cf. J. R. Bravo (51998), 412.

*jovem Eutinico do elenco das personagens; é ainda possível que a cena da noiva travestida possa ter sido uma livre reelaboração de Plauto.*

*A estrutura da Cásina é complexa mas cativante. A acção desenrola-se através de uma sucessão de cenas que alternam partes cantadas com partes recitadas. Trata-se da comédia plautina com o maior número de cantica (38% do total dos versos), repartidos por três blocos: um primeiro (vv. 144-251) em que cantam Cleóstrata, Mírrina e Lisidamo; um segundo (vv. 621-758) protagonizado por Pardalisca, Lisidamo e Olimpião; e um terceiro (vv. 815-962) por Pardalisca, Lisidamo, Olimpião, Mírrina e Cleóstrata* <sup>2</sup>.

*A acção é contínua e começa com uma disputa entre Calino e Olimpião, disputa que ocupa a cena única do acto I (vv. 89-143) e que, desde logo, nos introduz no tom geral desta aventura desbragada e nos adverte para o facto de o essencial da história recair sobre uma rivalidade amorosa pela posse de Cásina. O acto II (vv. 144-514) é composto pelo confronto de Cleóstrata e de Lisidamo e pela tiragem à sorte do futuro marido de Cásina. O acto III (vv. 515-758) mostra Cleóstrata, avisada por Calino, a assumir-se como senhora da intriga e a congestrar uma farsa que vai provocar efeitos sucessivos, num ritmo que, numa aceleração gradual, vai arrastar e envolver Lisidamo num verdadeiro turbilhão. O acto IV (vv. 759-854) é particularmente*

---

<sup>2</sup> Cf. B.-A. Taladoire (1956), 229-231; G. E. Duckworth (1994), 370.

*breve, mas brilhante com o canto himeneu e o cortejo nupcial que dá a Lisidamo a ilusão de ter sido o grande vencedor da contenda, mas a verdade é que ele está a ser manobrado por Cleóstrata como um verdadeiro fantoche. Este acto começa com uma cena de acalmia (vv. 759-779) em que Pardalisca faz o ponto da situação, sem deixar de aliciar o público com a promessa de um momento de especial diversão, mas vai concluir-se com uma cena (vv. 815-854) de grande farsa e de movimento rápido, que se acalma um pouco no momento em que Lisidamo e Olimpião entram em casa com a falsa noiva. Mas esta acalmia é enganadora, pois o movimento recrudesce no acto V, que começa com a explosão mal contida das mulheres, na cena I — que antecipa a comicidade das cenas seguintes, prometendo-se uma risada pegada, daquelas que só acontecem muito raramente (vv. 857-858) —, e continua na cena II com o aparecimento de Olimpião, que, em estado de desvario, vai narrar as desventuras por que passou durante a grotesca noite de núpcias. Em suma, o acto V (vv. 855-1018) é a parada final<sup>3</sup> — espectacular pela sua musicalidade, que se acentua à medida que o ritmo cómico acelera —, na qual Lisidamo e Olimpião aparecem ridicularizados e envergonhados perante as promotoras desta grande farsa.*

---

<sup>3</sup> O acto V é aquele que maior número de lacunas apresenta nos manuscritos.

*Do conjunto da peça destacam-se, pela sua espectacularidade, três cenas: a da tiragem à sorte (vv. 353-423); a falsa informação da loucura de Cásina (vv. 621-718) e as núpcias e as suas consequências (vv. 815-1018). Estas são as de maior vivacidade, as mais cómicas e as mais importantes para o desenvolvimento do enredo.*

*A cena final tem sido muito discutida. Fica claro, desde o prólogo, que Plauto excluiu a cena com que terminava o original grego — o reconhecimento de Cásina como filha do vizinho — resumindo-a a quatro versos. Na versão plautina, o reconhecimento de Cásina já pouca importância tem, o realce é, todo ele, dado à decepção e humilhação do velho Lisidamo, cujas frustrações, tratadas numa ópera bufa plena de fantasia burlesca, contribuíram de sobremaneira para que esta peça resultasse na mais licenciosa e ousada das comédias plautinas.*

*Oito personagens e várias figuras mudas (criadas, nos vv. 165 e segs.; cozinheiros, a partir do v. 720; e tocadores de flauta, a partir do v. 798) compõem esta comédia, que apresenta, como é habitual em Plauto, tipos «binários»: dois velhos (Lisidamo e Alcésimo); duas matronas (Cleóstrata e Mírrina) e dois escravos (Olimpião e Calíno). O jovem Eutinico, o filho de Lisidamo e de Cleóstrata, cujo nome significa «o vitorioso»<sup>4</sup>, e Cásina — a moça que dá o nome à*

---

<sup>4</sup> A propósito dos significados etimológicos dos nomes das personagens plautinas, veja-se M. L. López (1991).

peça<sup>5</sup> e que foi educada como criada em casa de Lisidamo e de Cleóstrata e que está no centro de toda a acção — não aparecem em cena.

Lisidamo aparece, em consonância com o significado do seu nome — «o que repudia esposas» —, como um velho libidinoso, que, apaixonado por Cásina, rivaliza no amor com o seu filho. Quando a sorte dita que deve ser Olimpião a casar com Cásina, o júbilo de Lisidamo foi tal que o deixou inebriado e incapaz de se aperceber da esparrela que lhe estavam a preparar, e na qual acabou por cair sem se dar por isso. A burla de que é alvo no final da peça é motivo de cômico, sobretudo pelo contraste entre a sua fogosidade e a sua atitude plangente, quando, vítima da sua própria presunção inebriante, sai de casa de Alcésimo espancado e despojado.

Alcésimo surge como o tipo de velho tolerante e complacente, disposto a ajudar o seu amigo Lisidamo, fazendo deste modo jus ao significado do seu nome — «o que ajuda». Condescendente, assume uma dissimulada cumplicidade em relação aos caprichos amorosos de Lisidamo.

Cleóstrata, cujo nome significa etimologicamente «a glória do exército», aparece efectivamente como uma mulher de armas, autoritária, severa e vingativa. Segura de si, não cede às insistências do

---

<sup>5</sup> Sobre as várias interpretações etimológicas para o nome «Cásina», veja-se *ibidem*, 56-58.

*marido nem se deixa enganar pelas suas falsas simpatias. É ela que conduz a acção. Age com um fim bem determinado: vingar-se do seu infiel e dissoluto marido e evitar que ele concretize os seus propósitos.*

*Mírrina, a amiga e vizinha de Cleóstrata e esposa de Alcésimo, tem um nome cujo significado, «a que cheira a mirra», se adequa às suas características, já que aparece em cena com ar distinto e autoritário (vv. 165-171) e reúne em si grandes virtudes (vv. 182-183).*

*O escravo Olimpião, o feitor de Lisidamo responsável pela quinta da família no campo, é um fraco de carácter, fraqueza que contrasta com o seu nome, etimologicamente altissonante. Diferente é o escravo Calino, o escudeiro de Eutinico. O seu nome, que em grego significa «freio», adequa-se à forma como domina o seu rival Olimpião (vv. 360-361) e o velho Lisidamo (vv. 963-967).*

*Pardalisca, a atrevida criada de Cleóstrata, apresenta um comportamento que faz jus ao seu nome — «pequena pantera».*

*Em plano claramente secundário surge Cítrião, o cozinheiro que está ao serviço de Lisidamo, que tem um nome cujo significado, «panela», se relaciona directamente com o seu ofício.*

*Ainda que a Cásina seja, toda ela, uma peça marcada por uma exuberante explosão de humor incontido, apresentado num evidente crescendo cômico, podemos, ainda assim, distinguir três momentos que conseguem sobressair pela sua maior comicidade: a tiragem à sorte (vv. 353-423); a falsa informação da loucura de Cásina (vv. 621-*

-718); e sobretudo o momento das núpcias e das suas consequências (vv. 815-1018), que começa com a chegada de Olimpião com as tochas nupciais, a que se segue a grotesca algazarra cantada na praça por Olimpião e Lisidamo, enquanto aguardam por Cásina, e a mascarada do falso cortejo nupcial, que começa por uma transposição cómica dos conselhos à noiva e que acaba com os socos que Calino, disfarçado de Cásina, dá nos pretendentes. Toda esta sucessão de cenas relacionadas com as núpcias deu origem a um espectáculo cujo desenlace é tanto mais cómico quanto Lisidamo se julga cada vez mais dono da situação. Dada a natureza do argumento cómico, a surra infligida por Calino a Lisidamo e a Olimpião termina e coroa a acção da única forma possível. O carácter musical da peça acentua-se na parte final, à medida que o ritmo cómico acelera.

A comicidade desta peça, resultante essencialmente do desentendimento que separa Lisidamo e Cleóstrata, é conseguida através de um cómico de linguagem marcado pelo uso de neologismos (vv. 797; 968), superlativos cómicos (v. 694), expressões estrangeiras (vv. 728-730), jogos de palavras (vv. 493-498; 511-514; 851; 853), comparações inesperadas (vv. 124-125; 720-721), metáforas variadas (vv. 319-320; 720-723), equívocos (vv. 495; 497), obscenidades (vv. 327; 362; 455; 810; 914; 921-922 e de um modo geral a segunda cena do acto V), narrações burlescas (vv. 879 e segs.), tons despropositados e desadequados (vv. 621-626), etc.

Este cómico de linguagem é complementado por um abundante cómico de situação, composto por uma pseudo-sedução de Lisidamo

quando este faz de marido apaixonado (vv. 228-234), por agressões físicas — Olimpião e Calino infligem-se, à vez, uma surra, sob as ordens respectivas de Lisidamo e de Cleóstrata — (vv. 404-408), uso de disfarces — Calino como falsa noiva —, de cenas de engano e de troça (vv. 621-667 e segs.; 894 e segs.), suposições erradas sobre a sanidade mental de uma personagem — Pardalisca — (vv. 639-640), inversões de situações (vv. 733-741; 993 e segs.), etc. As cenas de disputa surgem também como excelentes meios de provocar cómico de carácter, sobretudo os estados que resultam do medo: a cobardia, em Lisidamo (vv. 751 e segs.), e o desvario simulado de Pardalisca (vv. 621 e segs.), que provocou o desvario real de Lisidamo. Também a excitação erótica (vv. 452 e segs.) é fonte de cómico, assim como o é a cena em que Lisidamo, ao ver aproximar a sua mulher, esfrega desesperadamente a cabeça para limpar o perfume que nela lhe tinham deitado (v. 238) <sup>6</sup>.

A Cásina é uma das poucas comédias plautinas cuja data da sua composição é praticamente consensual. De facto, a alusão, feita no v. 980, à proibição das Bacanais, estabelecida em 186 a. C., sugere que a peça terá sido escrita pouco tempo antes da morte de Plauto, o que faz desta peça provavelmente a última comédia do Sarsinate. Corrobora esta ideia o facto de a Cásina ser a comédia de Plauto com

---

<sup>6</sup> Veja-se, em B.-A. Taladoire (1956), 167 e segs., outros exemplos de recursos cómicos presentes na Cásina.

*maior número de cantica<sup>7</sup>, uma característica própria das peças de maior amadurecimento da arte plautina.*

*O êxito da peça, a mais licenciosa das comédias plautinas, foi indubitável, de tal forma que a peça teve direito a uma reposição alguns anos depois, talvez por volta de 165-155 a. C., já que, como se diz no prólogo, os espectadores mais idosos puderam ver a primeira representação, mas os mais novos não<sup>8</sup>.*

*Entre as imitações modernas da Cásina, podemos indicar várias comédias italianas do século XVI: Clizia, de N. Maquiavel; Il Ragazzo, de L. Dolce; Errore, de B. Gelli; e I Rivali, de G. M. Cecchi. Também Il Marescalco, de P. Aretino, retoma da Cásina a cena da «noiva travestida».*

*Ainda que de forma mais vaga, a influência desta comédia plautina ter-se-á feito sentir noutras peças, como The Merry Wives of Windsor, de W. Shakespeare; e Epicoene or The Silent Woman, de Ben Jonson.*

*Também em Le Marriage de Figaro, de P. de Beaumarchais, podemos encontrar ecos da Cásina.*

---

<sup>7</sup> Como já referimos, as partes cantadas desta peça ocupam 38% do total dos versos. Cf. G. E. Duckworth (1994), 370 e n. 21.

<sup>8</sup> Cf. W. Beare (1934), 123-124; W. T. MacCary-M. M. Willcock (1976), 99.